

*playback do jardim do éden  
a watergate<sup>1</sup>*

*william burroughs*

A *Encounter Magazine*, reconhecidamente subsidiada pela CIA, publicou um artigo intitulado “*Night Words*”, escrito por George Steiner. Falando sobre meus escritos e os escritos de outros autores em cujos trabalhos cenas de sexo são franca e explicitamente descritas, ela diz: “Em nome da privacidade humana, basta!”.

Em nome de quem a privacidade humana está sendo evocada? Em nome daqueles que grampearam o quarto de Martin Luther King e vasculharam o escritório do psiquiatra de Ellsberg?<sup>2</sup> E quantos outros quartos eles grampearam? Alguém acredita que estes são episódios isolados? Que eles foram pegos fazendo seu primeiro trabalho? Quem está atirando a primeira pedra aqui?

É precisamente por esclarecer o conceito de privacidade que o monopólio pretendido pela Administração Nixon será derrubado. Quando ninguém se importa, a vergonha deixa de existir e nós podemos retornar ao Jardim do Éden sem nenhum Deus rondando como um detetive e seu gravador. Livros e filmes nos quais o ato sexual é explicitamente representado são definitivamente um passo na direção certa.

É precisamente este rompimento da vergonha e do medo em torno do sexo que a Administração Nixon pretende impedir para que se possa continuar a usar a vergonha e o medo como armas de controle político.

É usualmente aceito que a palavra falada precedeu a palavra escrita. Eu sugiro que a palavra falada, como conhecemos hoje, surgiu após a palavra escrita. No início se fez o Verbo e a Palavra era Deus — e a palavra era carne... carne humana... no início da escrita. Os animais falam. Eles não escrevem. Agora, um rato velho pode saber muito sobre armadilhas e venenos, mas não consegue escrever “Armadilhas Mortais em seu Armazém” para a *Reader's Digest*, com táticas para atacar cães e furões e lidar com espertinhos que colocam lâ de aço dentro das tocas dos ratos. É de se duvidar que a palavra falada tivesse evoluído além do estágio animal sem a palavra escrita. A palavra escrita é inferencial no discurso humano.

Minha teoria básica é que a palavra escrita, na realidade, é um vírus que tornou possível a palavra falada. A palavra até então não foi reconhecida como um vírus, pois atingiu um estado estável de simbiose com o hospedeiro, apesar dessa relação simbiótica estar sendo destruída, por razões que mencionarei posteriormente.

Cito o *Mechanisms of Virus Infection*, editado pelo Sr. Wilson Smith<sup>3</sup>, um cientista que de fato reflete sobre o seu tema ao invés de simplesmente correlacionar dados. Ele reflete sobre a intenção final do organismo vírus. Em um artigo intitulado “*Virus Adaptability and Host Resistance*”, de G.Belyavin, as especulações quanto ao objetivo biológico das espécies virais são ampliadas. “Os vírus são obrigatoriamente parasitas celulares e são, portanto, inteiramente dependentes da integridade dos sistemas celula-

res que parasitam para sua sobrevivência em estado ativo. É paradoxal que muitos dos vírus acabem por destruir as células nas quais vivem”.

Será então o vírus simplesmente uma bomba relógio deixada neste planeta para ser ativada por controle remoto? Um programa de extermínio? Neste caminho entre a virulência completa até seu destino final na simbiose, sobreviverá alguma criatura humana? “Considerando o ponto de vista do vírus, a situação ideal aparentemente seria aquela em que o vírus se reproduz nas células sem atrapalhar de maneira alguma seu metabolismo. Esta tem sido sugerida como a situação biológica ideal para qual os vírus estão evoluindo lentamente.”

Você ofereceria violência a um vírus bem intencionado em seu lento caminho para a simbiose?

“É interessante notar que, se o vírus atingisse um estado de equilíbrio benigno total com a célula hospedeira, seria improvável que sua presença fosse detectada rapidamente, ou que ele fosse necessariamente reconhecido como um vírus.” Eu considero que a palavra é um vírus como este. Dr. Kurt Unruh Von Steinplatz apresentou uma teoria interessante sobre a história e as origens desta palavra vírus. Ele escreve que a palavra foi um vírus daquilo que ele chama de “mutação biológica”, provocando uma mudança em seu hospedeiro que foi então geneticamente transmitida. Uma razão pela qual os macacos não podem falar é que a estrutura do interior de sua garganta simplesmente não foi projetada para formular palavras. Ele afirma que alterações na estrutura do interior da garganta foram ocasionadas por uma virose. E que acontecimento! Esta doença pode muito bem ter tido um alto índice de mortalidade, mas algumas macacas devem ter sobrevivido

para dar a luz aos *Wunderkinder*. Talvez a doença tenha assumido uma forma mais maligna nos machos devido à estrutura muscular mais rígida e desenvolvida, causando morte por estrangulamento e fraturas vertebrais. Já que o vírus em ambos, no macho e na fêmea, precipita um frenesi sexual através do estímulo dos centros sexuais do cérebro, os machos engravidaram as fêmeas em seus espasmos mortais e a estrutura da garganta alterada foi geneticamente transmitida. *Ach, Jung*, que cena temos aqui... Os macacos estão perdendo o pelo, fumegando, as fêmeas gemendo e babando sobre os macacos moribundos como vacas com febre aftosa, e então um mal cheiroso almíscar, doce, cheiro de metal oxidado do fruto proibido do Jardim do Éden...

A criação de Adão, o Jardim do Éden, o sono profundo de Adão durante o qual Deus fez Eva de seu corpo, o fruto proibido, que certamente tinha conhecimento de toda a coisa fedorenta e que poderia ser denominado o primeiro escândalo de *Watergate*, tudo se encaixa caprichosamente na teoria de Dr. Von Steinplatz. E isto era um mito *branco*. Leva-nos a supor que o vírus-palavra assumiu uma forma especialmente letal e maligna na raça branca. O que explica então esta malignidade na palavra branca vírus? Muito provavelmente uma mutação do vírus ocasionada pela radioatividade. Todos os experimentos com animais e insetos realizados até agora indicam que as mutações resultantes das radiações são desfavoráveis, ou seja, não favorecem a sobrevivência. Estes experimentos relatam o efeito da radiação em criaturas autônomas. E os efeitos da radiação nos vírus? Não há por aí, talvez, algumas experiências secretas e não-classificáveis escondidas atrás da segurança nacional? As mutações dos vírus ocasionadas pela radiação podem ser bastante favoráveis ao vírus. E tal

vírus pode muito bem violar a antiga aliança de simbiose, o equilíbrio benigno com a célula hospedeira. Então agora, com as fitas gravadas de *Watergate* e a precipitação de partículas radioativas de testes nucleares, o vírus se agita inquieto em todas as suas gargantas brancas. Fora uma vez um vírus mortal. Poderia tornar-se um vírus mortal novamente e enfurecer-se pelas cidades do mundo como um incêndio florestal proeminente.

“É o começo do fim”. Esta foi a reação de um adido científico em uma das principais embaixadas de Washington, ao anunciar que uma partícula de gene sintético havia sido produzida em laboratório. “Qualquer país pequeno pode agora produzir um vírus para o qual não há cura. Necessitaria apenas de um pequeno laboratório. Qualquer país pequeno com bons bioquímicos pode fazê-lo”.

E supostamente qualquer país grande poderia fazê-lo mais rápido e melhor.

Eu adianto a teoria de que na revolução eletrônica um vírus é uma micro-unidade de palavra e imagem. Eu tenho sugerido como tais unidades podem ser biologicamente ativadas para se comportarem como estirpes de vírus transmissíveis. Começamos com três gravadores no Jardim do Éden. O gravador um é Adão. O gravador dois é Eva. O gravador três é Deus, que deteriorou-se, após Hiroshima, em “*Ugly American*”. Ou então, para retomar nossa cena primitiva: o gravador um é o macaco macho em um indefeso frenesi sexual enquanto o vírus o estrangula. O gravador dois é a fêmea, que geme e monta sobre ele. O gravador três é a MORTE.

Von Steinplatz postula que o vírus de uma mutação biológica, que ele chama de B-23 está contido na palavra. Desprender o vírus da palavra pode ser mais mortal do

que liberar o poder do átomo. Isto porque todo ódio, toda dor, todo medo, toda luxúria está contida na palavra.

Nós temos agora três gravadores. Então vamos projetar um simples vírus-palavra. Vamos supor que o nosso alvo seja um político rival. No gravador um gravaremos discursos e conversas, editando minuciosamente as gagueiras, os erros de pronúncia, as frases inaptas — o pior número um que podemos reunir. Agora, no gravador dois, nós faremos uma fita “de amor”, colocando aparelhos de escuta em seu quarto. Nós podemos potencializar esta fita emendando-a ao objeto sexual que fosse inadmissível ou inacessível, ou os dois; a filha adolescente do senador, por exemplo. No gravador três nós gravaremos vozes de desaprovação, odiosas. Emendaremos as três gravações com pequenos intervalos e as reproduziremos ao senador e seus eleitores. Este corte e reprodução podem ser bastante complexos, envolvendo misturadores de vozes e pilhas de gravadores, porém o princípio básico consiste em simplesmente emendar gravações de sexo e gravações de desaprovação. Uma vez estabelecidas as linhas de associação, elas são ativadas cada vez que os centros de discurso são ativados, que é o tempo todo (que os céus ajudem aquele infeliz bastardo se algo acontecer à sua boca grande). Então sua filha adolescente rasteja sobre ele enquanto o *Texas Rangers* e mulheres decentes que vão à igreja levantam do gravador número três gritando: “O QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO NA FRENTE DE PESSOAS DECENTES?”

A filha adolescente é apenas um refinamento. Basicamente, tudo o que você precisa são gravações de sexo no número dois e gravações hostis no número três. Com esta simples fórmula, qualquer filho da puta da CIA pode se tornar Deus — isto é, gravador número três. Perceba a

ênfase no material sexual nos assaltos e escutas na fossa do *Watergate* — colocando aparelhos de escuta no quarto de Martin Luther King. *Kiss Kiss bang bang*. Uma técnica de assassinato mortal. Pelo menos, é certo conseguir enervar os adversários e colocá-los em desvantagem. Portanto, o verdadeiro escândalo de *Watergate*, ainda não revelado, não é que quartos foram grampeados e que os consultórios de psiquiatras foram vasculhados, mas o uso preciso feito deste material de sexo.

Esta fórmula funciona melhor em um circuito fechado. Se gravações e filmes de sexo são generalizados, tolerados e mostrados publicamente, o gravador três perde seu poder. Isto talvez explique porque a Administração Nixon buscou banir os filmes de sexo e a restabelecer a censura a todos os filmes e livros — para manter o gravador três em um circuito fechado.

E isto nos leva ao tema do SEXO. Nas palavras de John O'Hara, “Estou feliz que você tenha vindo a mim em vez de ir àqueles charlatões do andar de cima.” Psiquiatras, padres, ou quaisquer que sejam seus nomes, eles querem desligá-lo e manter o gravador três em ação. Vamos ligá-lo. Todos vocês, *swingers*, usem câmeras de vídeo e gravadores para registrar e fotografar seus encontros. Agora vão à seção de encontros e escolham os mais “sexy” — vocês sabem, quando realmente *acontece*. Reich construiu uma máquina com eletrodos para serem ligados ao pênis, com o intuito de medir a carga desse orgasmo. Aqui temos um orgasmo desagradável desmanchando de forma ameaçadora, na medida em que o gravador número três o corta. Ele acabou de fazê-lo. E eis aqui um orgasmo prazeroso em cima do gráfico. Desta forma, pegue o que há de melhor em seus encontros e convide os vizinhos para assistir.

É uma coisa para se fazer em vizinhança. Tente editá-las em conjunto, alternando 24 quadros por segundo. Tente lentidões e acelerações. Construa e experimente com um acumulador de orgônio. É uma caixa de qualquer formato ou tamanho revestida de ferro. Seu intrépido repórter, aos 37 anos, atingiu um orgasmo espontâneo, sem mãos, em um acumulador de orgônio construído em um pomar de laranjeiras em Pharr, Texas. Foi um pequeno acumulador de aplicação direta que fez o truque. Isto é o que qualquer garoto ou garota de sangue quente deveriam estar fazendo na oficina do porão. O acumulador de orgônio poderia ser fortemente potencializado com o uso de ferro magnetizado, que envia um poderoso campo magnético pelo corpo. E pequenos acumuladores como pistolas de raios.

Lá vai o *two-gun* Magee gozando nas calças. A arma cai de sua mão. Rápido como era, ele não foi rápido o suficiente.

Para um pequeno acumulador direcional, obtenha seis poderosos imãs. Organize seus quadrados de ferro magnéticos para que formem uma caixa. Em um extremo da caixa, faça um buraco e insira um tubo de ferro. Agora cubra a caixa e o tubo com qualquer material orgânico — borracha, couro, tecido. Agora exercite o tubo em suas partes sexuais, e nas partes sexuais de seus amigos e vizinhos. É ótimo para jovens e velhos, homens e animais, e é conhecido como SEXO. É famoso também por ter uma conexão direta com o que é conhecido como VIDA. Vamos tirar São Paulo de nossas costas e nos despir do Cinturão Bíblico<sup>4</sup>. E diga ao gravador três para cobrir sua própria sujeira. Ele fede do Jardim do Éden até *Watergate*.

Eu tenho dito que o verdadeiro escândalo de *Watergate* é o modo como foram usadas as gravações. E qual é esse

uso? Feitas as gravações como descrito anteriormente, o que então eles fazem com elas?

Resposta: Eles as reproduzem no mesmo local onde foram gravadas.

Eles reproduzem essas gravações para o próprio alvo, se o alvo é um indivíduo, cruzando de carros e agentes que passam por ele na rua. Eles reproduzem essas gravações em seu bairro. Finalmente, eles as reproduzem em metrô, restaurantes, aeroportos e outros lugares públicos. A reprodução, *playback*, é o ingrediente principal.

Eu tenho feito diversos experimentos com gravações de rua e reproduções ao longo de anos, e o fato surpreendente é que você não necessita de gravações de conotação sexual ou fitas falsas para produzir os efeitos da reprodução. Qualquer gravação reproduzida em seu lugar de origem da maneira que exemplificarei agora pode produzir efeitos. Sem dúvida, fitas com conteúdo sexual ou falso serão mais poderosas. Mas parte do poder da palavra é lançado por uma reprodução simples, como pode ser comprovado por qualquer um que reserve um tempo para experimentar.

Eu tenho observado frequentemente que esta simples operação — fazendo gravações e fotografando algum local que você queira incomodar ou destruir, depois reproduzindo as gravações e tirando outras fotos — resultará em acidentes, incêndios, remoções, especialmente a última. O alvo se move. Nós continuamos esta operação com o *Scientology Center*, na Rua Fitzroy, 37. Alguns meses depois eles se mudaram para o número 68 da Tottenham Court Road, onde uma operação similar foi recentemente realizada.

Aqui está um exemplo de operação realizada contra o *Moka Bar* na Rua Frith, 29, em Londres, W.1, começando

no dia 3 de Agosto de 1972. *Reverse Thursday*. A razão para a operação foi uma descortesia exagerada e não-provocada e um *cheesecake* venenoso. Agora focando no *Moka Bar*. Gravo. Fotografia. Fico parado do lado de fora. Deixo que eles me vejam. Eles estão nervosos lá dentro. O proprietário velho e horrível, sua mulher de cabelos frisados e o filho preguiçoso, o balconista expressando sua raiva. Eu os tenho e eles sabem disso.

“Vocês têm fama de encenqueiros. Bom, venham até aqui e causem encrenca. Cometam o ato de quebrar a câmara e eu chamarei a polícia. Eu tenho o direito de fazer o que quiser em uma rua pública.”

Se chegasse a isso, eu explicaria para o policial que eu estava coletando gravações de rua e fazendo um documentário sobre o *Soho*. Esse foi, apesar de tudo, o primeiro *espresso bar* de Londres, não foi? Eu estava fazendo-lhes um favor. Eles não podiam falar aquilo que nós dois sabíamos sem serem ridículos.

“Ele não está fazendo nenhum documentário. Ele está tentando destruir a máquina de café, começar um incêndio na cozinha, começar incêndios aqui, conseguir uma notificação contra nós no Conselho de Saúde.”

Sim, eu os tinha e eles sabiam. Eu olhei lá dentro para o velho proprietário e sorri, como se ele fosse gostar do que eu estava fazendo. A reprodução viria depois com mais fotografias. Eu esperei e andei até o *Brewer Street Market*, onde eu gravei um jogo de cartas. Agora você vê, agora você não vê.

A reprodução foi feita diversas vezes com mais fotos. O negócio deles faliu. Eles começaram diminuindo

e diminuído a jornada de trabalho. Em 30 de Outubro de 1972, o *Moka Bar* fechou. O local foi comprado pelo *Queen's Snack Bar*.

Como aplicar uma analogia dos três gravadores a esta simples operação. O primeiro gravador é o próprio *Moka Bar* em suas condições originais. O segundo gravador é a minha gravação dos arredores do *Moka Bar*. Estas gravações são acessos. O segundo gravador no Jardim do Éden foi Eva, feita a partir de Adão. Então, uma gravação feita no *Moka Bar* é um pedaço do *Moka Bar*. Uma vez realizada a gravação, essa peça se torna autônoma e fora do controle deles. O terceiro gravador é a reprodução. Adão experimenta a vergonha quando seu comportamento desgraçado é reproduzido para ele mesmo pelo gravador três, que é Deus.

Reproduzindo minhas gravações no *Moka Bar* quando eu quiser e fazendo quaisquer mudanças que quiser nelas, eu me torno Deus para esse local. Eu os afeto. Eles não podem me afetar.

Suponha, por exemplo, que por interesse de segurança nacional, em seu banheiro e quarto são colocadas escutas e câmeras infravermelhas escondidas. Essas imagens e gravações dão acesso. Você pode não sentir vergonha durante sua defecação ou relações sexuais, mas você pode muito bem sentir vergonha quando essas gravações são reproduzidas para uma audiência que as desaprova. Vergonha é reprodução: exposição para a desaprovação.

Consideremos a arena da política e as aplicações de se colocar escutas nessa área. Claro, muitas gravações estão imediatamente disponíveis já que políticos fazem discurs-

tos televisivos. Essas gravações, no entanto, não dão acesso. O homem que está fazendo o discurso não está realmente lá. Consequentemente, gravações íntimas, ou pelo menos privadas, são necessárias, e é por isso que os conspiradores de *Watergate* acharam necessário utilizar o roubo.

Um candidato à Presidência não é indefeso como o *Moka Bar*. Ele pode fazer quantas gravações quiser de seus oponentes. Então o jogo é complexo e competitivo, com gravações feitas de ambos os lados. Isto leva a técnicas mais sofisticadas, os detalhes disso ainda devem ser revelados.

A operação básica de gravação, fotografias, mais fotografias, e reproduções pode ser realizada por qualquer um com um gravador e uma câmera. Qualquer um pode reproduzir. Milhões de pessoas realizando essa operação básica podem invalidar o sistema de controle que os que estão por trás de *Watergate* e Nixon tentam impor. Como todos os sistemas de controle, ele depende da manutenção da posição de monopólio. Se todos podem ser o terceiro gravador, então o terceiro gravador perde poder. Deus tem de ser o Deus.

Londres, 1973.

Tradução do inglês por Fabia Batista.

## Notas

<sup>1</sup> Texto extraído de Daniel Odier. *The job — interviews with William S. Burroughs*. London, Penguin Books, 2008, pp. 11-20.

<sup>2</sup> Daniel Ellsberg (Chicago, 1931) trabalhou para a *RAND Corporation* e para o Pentágono. Em 1971, forneceu ao *The New York Times* uma série de documentos confidenciais — conhecida como *Pentagon Papers* — com informações a respeito das atividades das forças armadas estadunidenses

*Playback do Jardim do Éden a Watergate*

durante a Guerra do Vietnã. Seu livro, *Secrets. A memoir of Vietnam and the Pentagon papers*. New York, Penguin Books, 2003, encontra-se disponível em [http://www.amazon.com/Secrets-Memoir-Vietnam-Pentagon-Papers/dp/0670030309#reader\\_0670030309](http://www.amazon.com/Secrets-Memoir-Vietnam-Pentagon-Papers/dp/0670030309#reader_0670030309) (acesso em: 05/12/2010). (N.T.)

<sup>3</sup> Wilson Smith. *Mechanisms of Virus Infection*. New York, Ed. Academic Press, 1963. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/content/142/3597/1284.1> (acesso em: 10/12/2010). (N.T.)

<sup>4</sup> Termo que se refere ao conjunto formado por grande parte dos estados do sul dos Estados Unidos, marcado pelo conservadorismo e pela prática protestante. (N.T.)

*Resumo*

*William Burroughs, em entrevista concedida em 1973, descreve, a partir do episódio Watergate, os efeitos políticos da exposição pública de eventos privados, obtidos por meio de escutas e fotografias. Descreve com singularidade a emergência do monitoramento na sociedade de controle e maneiras de resistir. palavras-chave: reprodução, sexo, sociedade de controle.*

*Abstract*

*William Burroughs, in a 1973 interview, describes, based on the episode of Watergate, the political effects of the public exhibition of private events, obtained through recordings and photographs. Presents with singularity the emergence of surveillance in the society of control and the ways of resistance. keywords: playback, sex, society of control.*

*Recebido para publicação em 07 de outubro de 2010. Confirmado em 15 de dezembro de 2010.*